

## A INTERSECCIONALIDADE COMO FERRAMENTA NA CONSTRUÇÃO DE PEDAGOGIAS DE(S)COLONIAIS

PALOMA DE SOUZA SILVA  
MÁRCIA ALVES

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – [souzasilvapaloma@gmail.com](mailto:souzasilvapaloma@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas 2 – [profa.marciaalves@gmail.com](mailto:profa.marciaalves@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma parte do projeto de pesquisa do mestrado em educação da Universidade Federal de Pelotas. Assim, a fundamentação teórica para este trabalho tem como base autoras que estudam a interseccionalidade e a educação a partir do qual se teve como objetivo central evidenciar os estudos interseccionais como ferramenta importante para o desenvolvimento de pedagogia de(s)coloniais. Para se atender o objetivo geral, esta pesquisa se atentou em explicitar o conceito de interseccionalidade no contexto feminista e trazer algumas discussões a respeito da educação.

Compreender a dinâmica em que as opressões se dão em sociedades patriarcais, racistas e de hierarquias sociais é ter a possibilidade de elaborar políticas que alcancem pessoas em suas diversas representações sociais. Por vezes a educação coopera na reprodução destas opressões, mas quando pensada a partir de um lugar de formação crítica ela se torna um espaço de luta e resistência. Sendo o curso de pedagogia um ambiente de formação de professores, a compreensão do cruzamento de opressões que atingem certos grupos em nossa sociedade, é fundamental para o construto desta educação.

Neste quesito, a universidade tem um papel significativo na formação política e social dos futuros educandos, pois é o espaço que deve propiciar grande parte das discussões a respeito da diversidade e respeito. Além de auxiliar estes educandos na preparação de práticas pedagógicas que superem este emaranhado de opressões.

Por isso, os estudos interseccionais são essenciais na formação do educando, a fim de fomentar práticas pedagógicas contra-hegemônicas. Para uma educação que valorize os diversos conhecimentos e não exclua ou discrimine saberes múltiplos.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consiste na análise bibliográfica de materiais produzidos por mulheres negras acerca dos estudos interseccionais e educação, principalmente no que diz respeito ao estudo de pessoas negras no Brasil. Duas pensadoras negras foram muito importantes para esta etapa da pesquisa, são elas: Patrícia H. Collins e bell hooks. Sendo a primeira uma socióloga estadunidense que traz discussões muito importantes referentes ao cruzamento de opressões e seus efeitos e a segunda uma professora e socióloga também que trata sobre as opressões sociais. Procedeu-se, nesta parte do projeto, à sistematização das principais ideias dos textos lidos a fim de compreender as contribuições dos estudos intersec-

cionais para a educação. O intuito é, prosseguir com o estudo destas e outros autores que denunciam e teorizam sobre as injustiças consistentes no atual estado de colonialidade no qual vivemos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A interseccionalidade é um termo potencializado pelo feminismo negro. É usado para se compreender a dinâmica das opressões que coexistem nas américas. Ele foi cunhado pela autora Kimberle Crenshaw (1989, apud. AKOTIRENE, 2018, pág. 53) e desde então tem sido usado extensivamente não só pelo feminismo negro, mas por diversos movimentos sociais.

Os estudos interseccionais entendem as opressões como peças interligadas de um sistema opressivo de sociedades patriarcais, classistas e racistas. As opressões podem agir de diferentes formas, mas elas estão se constituem num sistemas onde estão relacionadas.

A autora Collins (2015, p.16) traz a importância do rompimento de perspectivas dualistas e hierárquicas sobre as opressões, onde “pessoas, coisas e ideais são definidas em relação aos seus termos opostos”. Nestas concepções as relações sociais se dão a partir da visão dual onde uma pessoa ou coisa é superior ao seu antagonico.

Na sociedade brasileira, assim como na estadunidense, as pessoas negras são colocadas num lugar de inferioridade frente ao branco, as mulheres são inferiores com relação ao homem. Mas esta perspectiva não dá conta de que numa sociedade multiplural opressões como racismo, sexismo e de classe podem atingir em conjunto ou individualmente. No caso da mulher negra ela pode sofrer tanto com o racismo quanto com o sexismo, e quando olhamos para a mulher branca e pobre ela é pode ser atingida pelo sexismo e pela opressão de classe, para o homem negro a questão também se torna complexa, pois ele em diversas vezes pode se encontrar numa posição de opressor e muitas vezes de oprimido.

A autora Collins (2015) aconselha atribuir raça, classe e gênero como classes interligadas e que devem ser analisadas a fim de se partir para novas interpretações sobre opressões. Por tanto, a interseccionalidade, que estuda estas categorias enquanto estruturantes de sociedades embasadas na colonialidade, é fundamental quando pensamos na construção de uma educação emancipadora.

Bell hooks (2013, p.10), pensa na educação como um “ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista”. E realmente, a educação pode ser uma ferramenta de reprodução das opressões ou pode ser o caminho de liberdade para seus educandos.

A autora bell hooks (2013, p.14), por meio de sua própria experiência e de seus estudos, entende as consequências de uma educação sem compromisso com seus alunos

Os alunos oriundos de grupos marginais que tinham permissão para entrar em faculdades prestigiadas e predominantemente brancas eram levados a sentir que não estavam lá para aprender, mas para provar que eram iguais aos brancos[...] à medida que nos deparávamos com os constantes preconceitos, uma corrente oculta e tensão afetava nossa experiência de aprendizado.

Quando pensada para construir conhecimento junto com seus educandos e não para eles, a educação se torna crítica (FREIRE, 1987). Quando não discrimina

os saberes múltiplos e compreende as exclusões e invisibilidades que o patriarcado e o racismo proporcionam, a educação cria a possibilidade de se superar as opressões.

#### 4. CONCLUSÕES

Pelos apontamentos feitos neste trabalho é possível enxergar que os estudos interseccionais são importantes para a educação por proporcionar uma nova visão sobre as opressões de raça, classe e gênero. Assim, pode-se considerar que é necessário que a educação tenha compromisso em compreender quais são e como operam as opressões.

Mulheres negras têm registrado e produzido obras sobre a superação das opressões impostas pela colonialidade, e entendo a relevância destas obras para a construção de políticas que contemplem diversos grupos sociais afetados pelo patriarcado, racismo e pela opressão de classe.

Grupos marginalizados, durante muitos anos, erguem a voz para se fazerem ouvir suas demandas e as discriminações pelas quais passam, na educação é importante que discussões sobre a diversidade estejam presentes para que não haja que essa invisibilidade seja superada.

Por fim, constata-se que as opressões de raça, classe e gênero podem atuar de diferentes maneiras na vida das pessoas, portanto se torna indispensável para os futuros educadores a percepção destes cruzamentos, deste modo se tem a oportunidade de se construir práticas pedagógicas emancipadoras.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **O Que é Interseccionalidade?**. Coordenação Djamila Ribeiro – Belo Horizonte, MG: Letramento: Justificando, 2018.

COLLINS, Patrícia. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. *In*: MORENO, Renata. **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo: SOF, 2015, p. 13-42.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107 p.

HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 1ª. ed. São Paulo: WFM Martins Fontes, 2013. 283 p. Tradução de: Teaching to transgress.